

As paisagens, as naturezas-mortas e as composições florais suavizadas são temas recorrentes de Lucas Rubly, e são também motivos pictóricos que não contêm uma dramaticidade do mundo ao redor, mas convidam a um demorado olhar pelas suas discretas variações tonais, conjugadas em reduzidos formatos.

Os discursos que envolvem a experiência estética aproximam cadeias de ideias opostas umas às outras, elementos contrários que têm seus desdobramentos e seus sobressaltos, muitos são conflituosos. A produção artística de Lucas Rubly traz o seu próprio saber, ancorado no universo da natureza, tratado com valores plásticos que sugerem uma forma de poema legível.

Na solidez de suas pinturas, a presença de elementos humanos são subtraídos, as cores não colidem entre si, mas reina uma quietude, um exercício do silêncio, orgulhoso de sua solidão. Quase um cenário sussurrando à espreita de algum acontecimento. Um vazio instaura uma margem de opacidade onde as narrativas inconclusivas parecem florescer, subtraídas do fluxo cotidiano da vida, como se fossem lembranças tonais que fazem parte de seu repertório de formas e cores, impõem uma inesperada serenidade, como se fosse a representação de um mundo estável. Talvez o reconhecimento de uma intimidade, de um espaço à disposição das tintas, algo que ali reside à luz da memória, além das aparências.

As paisagens se esgarçam em direção ao campo, ocupam um lugar físico, real, que pode se deteriorar com o tempo e um lugar mental, que se concentra na investigação e no diálogo com a sua própria pintura. Um mundo ainda não moldado pelos equipamentos industriais, mediadores de uma realidade atemporal e poética. Não há contrastes ou estridências nesse espaço indeterminado, que traz o surgimento de uma estrutura fluida que se esvai, aliada a uma forte vontade de ordenação. O vazio reveste essas lembranças como uma tentativa de recuperar o valor das citações do mundo real.

A pintura como campo cromático, como um sistema de articulação com intensidades diversificadas, traz pontos de contato com o território de Giorgio Morandi, na sua busca direcionada à meditação sobre o visível. Um diálogo com a sua própria pintura, ao trazer uma dimensão íntima que suscita um tempo próprio, com ressonâncias de artistas do passado como Giotto, Piero della Francesca, Jean Siméon Chardin, Giorgio de Chirico, Paul Klee, Andrew Wyeth, Richard Diebenkorn, Luc Tuymans, Alfredo Volpi, Paulo Pasta, entre outros.

As representações abstratas vão criar um eixo de leitura, uma nova dinâmica composta de formas estritamente geométricas, seccionadas, com seus desdobramentos alternados, mas que não rompem a estabilidade da composição, pois prevalecem as afinidades serenas entre os elementos. O artista dissolve os elementos pictóricos até então reconhecidos. A cor é tratada pelas suas qualidades visuais, seja para organizar a superfície da tela, seja para dinamizar o ritmo de construção e de geometria. As imagens já trazem consigo a memória de sua gênese, carregam o mundo que vivemos. Sua atualidade consiste em estar entre o presente e o passado, ao instaurar uma atonalidade no mundo uma nebulosidade atraída por um silêncio que desperta um enredo de possibilidades e nos faz pensar, como afirmou o filósofo Maurice Merleau-Ponty, que as coisas estão apenas entreabertas diante de nós, reveladas e escondidas.

Vanda Klabin
Setembro 2025